

A série gente do MOC é um espaço especial que conta as histórias de pessoas que dedicam sua vida ao MOC e à sua missão. Aqui, retratamos os caminhos daqueles que acreditam num semi-árido justo e solidário, caminhos que se assemelham com os grupos que acompanhamos. Nessa edição vamos abrir o baú de recordações de Vera Maria Carneiro de Oliveira, que há 22 anos trabalha na entidade.

A história de quem venceu através da educação

Vera Maria Carneiro é exemplo de como a educação pode transformar vidas, construir personalidades e mudar destinos. Nascida no povoado de Malhador, no município de Riachão do Jacuípe, em pleno o Semi-árido baiano, ela tem história semelhante à de muitas pessoas da região, que nascidas em um período marcado pela repressão ditatorial não tinham muitas perspectivas de mudanças. No entanto, a menina Vera viu nos estudos a possibilidade de dar novos rumos a sua vida, hoje ela é coordenadora do Programa de Educação do Campo do Movimento de Organização Comunitária (MOC).

Da infância pobre ela se recorda dos tempos em que trabalhou na lavoura do sisal e do ensino repressor vivenciado nas salas de aula da zona rural. "Essas duas questões – trabalho infantil e educação repressora – deixaram marcas difíceis de serem superadas", conta Verinha, como é chamada por muitos que a conhecem. Desta experiência de vida surgiu a vontade de fazer algo diferente pela educação do campo.

Incentivo - Filha de agricultores familiares e com oito irmãos, Vera fala que sua mãe, Firmina Carneiro, sempre foi o maior exemplo de sua vida. Uma mulher que reconheceu a importância da educação para vida de uma criança, e que mesmo sem nunca ter ido a escola tinha um bom conhecimento do português, era comunitária, incentivava as mulheres do povoado onde viviam a participarem das reuniões, juntamente com Albertino Carneiro, seu irmão, logo nos primeiros anos de fundação do MOC.

"Ela se separou dos filhos para que nós estudássemos. Cada um foi morar na casa de uma tia e trabalhar para se sustentar", conta. Em 1978, quando tinha 12 anos, muda-se para Feira de Santana para estudar no Colégio Assis Chateaubriand. A mãe e o tio Albertino, foram os grandes mestres. "Devo

a minha consciência política à minha mãe em especial, porque sempre me incentivou a lutar por um mundo melhor, ajudou as pessoas se organizarem, a desejarem uma vida digna, e estes ensinamentos serão eternos", enfatiza emocionada.

Entre o MOC e a militância política -

Dos anos de militância ela se recorda da participação no movimento estudantil secundarista e nos Congressos da União Nacional dos Estudantes, do qual foi vice-presidente posteriormente. Na vida acadêmica iniciou o curso de Economia, mas não concluiu, tendo se formado em História.

O MOC foi outra escola onde aprendeu com os cursos de relações públicas, datilografia e em 1986 passou a integrar a equipe administrativa. Mas a vida política estava na sua raiz e em 1992 a levou para São Paulo, no auge do

movimento estudantil. Encabeçou passeatas, manifestações reivindicando entre os "caras pintadas" o impeachment do então presidente Fernando Collor de Melo.

De volta para cumprir sua missão - Depois de reavaliar sua vida com a militância política, tinha chegado o momento de voltar. Ela conta que reencontrou o MOC em 1998. Sempre sonhou em integrar a equipe de Educação, tendo realizado consultoria ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) antes de se tornar técnica. No progra-

ma ela trabalhava inicialmente com a formação dos monitores da Jornada Ampliada. No entanto, a vida lhe colocava diante de outro desafio: Trabalhar com egressos do trabalho infantil, o que lhe permitia fazer alguma coisa para tentar transformar essa realidade de que ela já conhecia de perto. "Esse período de construção da metodologia foi uma fase de muito aprendizado para mim e para o MOC também, contamos muito com a voz da experiência de Naidison Baptista, então secretário executivo".

O trabalho foi direcionado para a identidade cultural, buscando valorizar a cultura do campo, utilizando a metodologia do Conhecer, Analisar e Transformar (CAT) na realização de pesquisas com a participação de educadores e crianças. "Um dos maiores aprendizados foi ter a paciência pedagógica com os grupos, não levar as coisas prontas", revela. Neste mesmo tempo também surge o Projeto Baú de Leitura que vem dar suporte a Jornada Ampliada, com a proposta da leitura contextualizada, voltada para identidade da origem sertaneja.

Em 2006 ela contribui na co-autoria do Livro Baú de Leitura: Lendo História- Construindo Cidadania. Em 2004, mas um desafio, a coordenação do Programa de Educação. "Tive dificuldades e ainda tenho, mas é um desafio constante. Agradeço as pessoas que construíram o MOC e me ensinaram coisas para a vida inteira. Meu trabalho contribui para meu crescimento profissional e pessoal", afirma.

Vera tem uma filha de onze anos, Ana Luiza, de quem se orgulha de ser pai e mãe. Fala que mesmo tendo viajado muito, seu lugar no mundo é a Bahia, onde quer contribuir para o desenvolvimento do campo. "Uma das coisas que mais admiro na vida é a capacidade de evolução das pessoas, acreditar e incentivar as pessoas a se desenvolverem, pois todos e todas somos capazes, o que falta é oportunidade. Acredito que se não fosse os estudos não teria chegado onde cheguei. Nada mais emocionante de ser ver do que as pessoas superarem seus limites e se despertarem, como muitos egressos do PETI".



Nome: Vera Maria Carneiro de Oliveira
Data de nascimento: 25 de maio de 1966
Local: Povoado de Malhador, Riachão de Jacuípe.
Formação: Licenciada em História, Pós-graduada em Desenvolvimento Rural Sustentável.
Estado civil: solteira
Ano de entrada no MOC: 1986

Expediente . Realização: Movimento de Organização Comunitária - MOC **Coordenação:** Programa de Comunicação do MOC: Carolina Seixas, Apoio: Daiane Almeida, Klaus Minhuber, Lorena Amorim e Nayara Cunha. **Reportagem:** Carolina Seixas e Daiane Almeida **Fotos:** Programa de Comunicação **Diagramação e Design:** Karime Salomão **Fale conosco:** MOC - Movimento de Organização Comunitária. Rua Pontal 61, Cruzeiro, Feira de Santana - Bahia. CEP 44.017-170. Tel. (75) 3322.4444 fax: (75) 3322.4401, e-mail: comunica@moc.org.br site: www.moc.org.br



Uma jornada para a cidadania

“Com sete anos de idade comecei a trabalhar cortando a palha do sisal, eu acordava às cinco horas da manhã e trabalhava durante sete horas para receber R\$5 por semana. Nos dias que terminava de cortar o sisal cedo e chegava em casa meio-dia, almoçava e ia para a escola, que ficava à 4km da minha casa. Eu só estudava mesmo quando meu pai conseguia trabalho perto de algum colégio porque ele só tinha o motor do sisal e a gente viajava para vários lugares para cortar a palha nos campos dos outros. Por isso mudamos muitas vezes de casa e eu não tinha como saber se no próximo mês estaria ainda na escola”.

Esta história contada por Núbia da Silva Oliveira, moradora do acampamento 1º de maio, em Conceição do Coité, retrata parte da sua infância que foi marcada pelo

trabalho e o pouco acesso aos estudos. A jovem de 23 anos foi uma das milhares de crianças do Semi-árido que foram forçadas a se debruçar ao trabalho para garantir a sobrevivência. “Costumo dizer que por causa do trabalho não tive infância. Na época que muitas crianças estavam brincando e estudando, eu ajudava meus pais para garantir pelo menos a alimentação e não imaginava que mudanças poderiam acontecer em minha vida”, afirma Núbia.

Mas a história de Núbia ganhou um novo rumo. Em 1997, a jovem foi contemplada pelo Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e teve a oportunidade de se afastar do motor do sisal e trocar a palha pelos livros. Com o ingresso no programa, Núbia começou a frequentar a escola e nessa nova fase encontrou a alegria de ser criança. “Aos 13 anos comecei a viver a minha infância, só nessa nova etapa de minha vida tive um pouco de lazer porque na escola a gente aprende brincando”, relata.

Formando cidadãos – Segundo dados do Programa de Educação do Movimento de Organização Comunitária (MOC), entre as crianças da

Região Sisaleira que participaram do PETI, 68 delas ingressaram na universidade. Núbia é uma delas e cursa o 6º semestre do curso de Pedagogia da Terra, na Uni-



“A educação é a alavanca principal para as mudanças sociais”

Núbia Oliveira

versidade Estadual da Bahia (UNEB), em Bom Jesus da Lapa.

“Escolhi esse curso porque acredito na força da minha terra e os territórios rurais precisam de educadores que se preocupem com o cotidiano dos seus alunos e desenvolvam uma metodologia educacional voltada para a realidade do campo, respeitando as particularidades de cada região”, explica a universitária.

Moradora do assentamento de Nova Palmares, em Conceição do Coité, Patrícia de Jesus também descobriu o entusiasmo pelo estudo nas jornadas do PETI e atualmente está tendo a oportunidade de cursar Letras Vernáculas na UNEB.

Patrícia afirma que a disciplina e o compromisso com os estudos são frutos das atividades realizadas pelo PETI e que as dificuldades do dia-a-dia só deram forças para concretizar seus sonhos. “Sempre tive uma vida difícil, comecei a trabalhar cedo para alimentar a minha família, mas a vontade de crescer, aprender mais e poder transmitir esse conhecimento para outras pessoas superou as dificuldades. Até o último ano do ensino médio, eu ainda não sabia como po-

deria entrar na faculdade porque nem o dinheiro do transporte eu tinha, mas sabia que ia conseguir”.

Através do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), Patrícia, Núbia e outros jovens puderam cursar o ensino superior e fortalecer as ações de convivência com o Semi-árido, estimulando o desenvolvimento da região e de sua gente.

Emocionada, Núbia diz que a persistência para entrar na faculdade foi fortalecida pelo desejo de mostrar as famílias que lugar de criança é na escola. “Somente quando me dediquei exclusivamente aos estudos consegui dar o primeiro passo para realizar meu sonho: afastar as crianças do trabalho através da conscientização das famílias. Hoje esse é um objetivo em minha vida, pois quero mostrar para as famílias que a educação é a alavanca principal para as mudanças sociais”.

Partilhando o aprendizado - O ingresso de Núbia na universidade tem um significado importante para a jovem e a comunidade. “Minha perseverança para estar no espaço acadêmico não é apenas para receber um diploma, mas quero adquirir conhecimento para partilhá-lo com as comunidades rurais, em assentamentos e acampamentos, porque quando o povo detém o conhecimento, ele tem o poder sobre seus direitos e só assim se reduzem as desigualdades sociais”, conta a jovem.

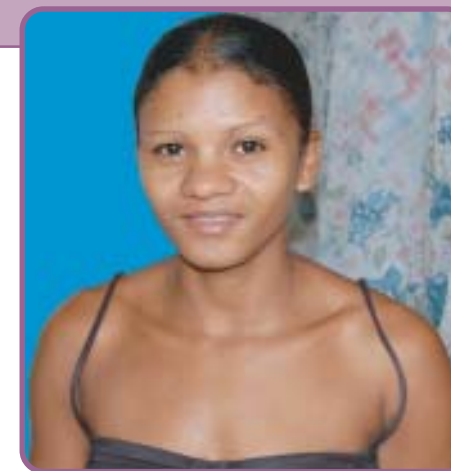
Para Patrícia a entrada no PETI foi o caminho para viver a cidadania. “Além de ter acesso à educação de qualidade e contextualizada, comecei a receber uma bolsa-auxílio que proporcionou para minha família condições mais dignas para viver, pois este dinheiro ajudava a comprar principalmente a alimentação e material escolar. Todo conhecimento que adquiri na jornada ampliada tenho que agradecer as professoras do PETI que se empenharam para me ajudar a ser cidadã e agora quero retribuir formando cidadãos através da minha profissão”, revela.

A jovem Núbia, que está ensinando na comunidade de Nova Palmares, acredita que

Sobre as personagens

Em 2005, durante o revezamento da tocha olímpica no Rio de Janeiro, Núbia Oliveira recebeu o título de Campeã da Erradicação do Trabalho Infantil. Com sete anos de empenho ao movimento sindical, atualmente coordena o Departamento de Educação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e ensina às crianças do assentamento de Nova Palmares. Depois de contar sua história, os alunos de Núbia mostraram seu compromisso com os estudos e com a convivência com o Semi-árido vendo um filme sobre o trabalho nas comunidades rurais.

Patrícia se dedica aos estudos e realiza as atividades domésticas. A jovem conta que o trabalho infantil está voltando na Região Sisaleira, mas que pretende estimular as famílias para que as crianças permaneçam na escola.



o direito de frequentar a escola é um dos instrumentos que pode mudar de forma positiva os caminhos percorridos por uma criança que já sofreu na colheita e corte do sisal, como a maioria dos jovens e adultos na Região Sisaleira. “Muitas crianças estão voltando ao trabalho e se distanciando da escola. Por isto, os educadores precisam fortalecer as ações do PETI para que as crianças vivenciem as atividades do Baú de Leitura, interpretem as peças teatrais que contem a sua realidade e possam ter a mesma oportunidade que eu e outros colegas tivemos de dar continuidade aos nossos estudos”, ressalta Núbia.

Editorial

Lugar de criança é na escola

No mês em que se comemora o Dia Mundial de Combate ao Trabalho Infantil, o Bocapiu apresenta a história de duas jovens do Território do Sisal que através do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) tiveram acesso a educação e hoje têm a oportunidade de cursarem o nível superior.

Em 2007 a equipe de Educação do Campo realizou uma pesquisa nos municípios onde teve início o PETI e verificou que 68 jovens, que passaram pelo programa, ingressaram na universidade. Estes jovens eram crianças sem perspectivas, condenadas ao trabalho infantil e que agora se vêem com a responsabilidade de sensibilizar os moradores das comunidades rurais sobre a importância da educação.

Núbia Oliveira e Patrícia de Jesus são exemplos de que a educação do campo e de qualidade está contribuindo para a transformação social no semi-árido baiano, reforçando aquilo que já se sabe: Lugar de criança é na escola.

Boa Leitura!

Lorena Amorim
Integrante do Programa de
Comunicação do MOC

